

# atlas de **RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

N.º 35

## **A Escócia Geoeconômica**

DELGADO DE CARVALHO

- 1 — Introdução. 2 — Regiões Naturais. 3 — Evolução Histórica.  
4 — Condições Econômicas. 5 — Conclusão.

## **Reino da Bélgica**

THEREZINHA DE CASTRO

- 1 — Posição. 2 — Povoamento. 3 — Aspectos Geográficos. 4 —  
Formação do Estado.

## **Tanzânia — República Unida**

DELGADO DE CARVALHO

- 1 — Introdução. 2 — Aspectos Físicos. 3 — Recursos Econômicos.  
4 — Evolução Política.

## **Singapura: Ilha-Estado**

THEREZINHA DE CASTRO

- 1 — Evolução Política. 2 — Aspectos Geográficos Gerais.
-

# A Escócia Goeconômica

DELGADO DE CARVALHO

## 1 — Introdução

Entre as mais remotas eras geológicas houve um período de grande atividade orogênica com a formação do dobramento chamado *sistema caledoniano* cujos vestígios ainda se encontram nas partes setentrionais dos continentes. Na Europa, no norte das Ilhas Britânicas, subsiste hoje o mais notável exemplo deste dobramento, constituído pelo *relevo da Escócia*. Ligada à Inglaterra por um largo istmo, esta península montanhosa apresenta uma história humana condicionada pela Geografia.

A *Escócia* se constitui no extremo norte da maior ilha Britânica, mas se destaca da Inglaterra por sua distância e isolamento que durante séculos ditaram-lhe uma história distinta e interesses particulares. A Escócia não podia levar uma vida social de absoluta independência, tendo em vista as suas condições econômicas; assim sendo, teria que passar durante vários séculos em discutível entendimento com a Inglaterra.

Poucas regiões da Terra sofreram tão diretamente em sua História as influências de seu relevo e litoral.

## 2 — Regiões Naturais

A Escócia ocupa o norte da Grã-Bretanha, incluindo as ilhas que formam os grupos insulares das *Hébridas*, das *Orcadas* e das *Shetlands*, que têm a mesma formação geológica e orientação. São regiões essencialmente montanhosas com planícies intermediárias e litoral muito recortado de pequenas penínsulas e ilhotas que lembram a costa Escandinava; por isso os golfos profundos dos fjords noruegueses se chamam aí *firths* e *lochs*.

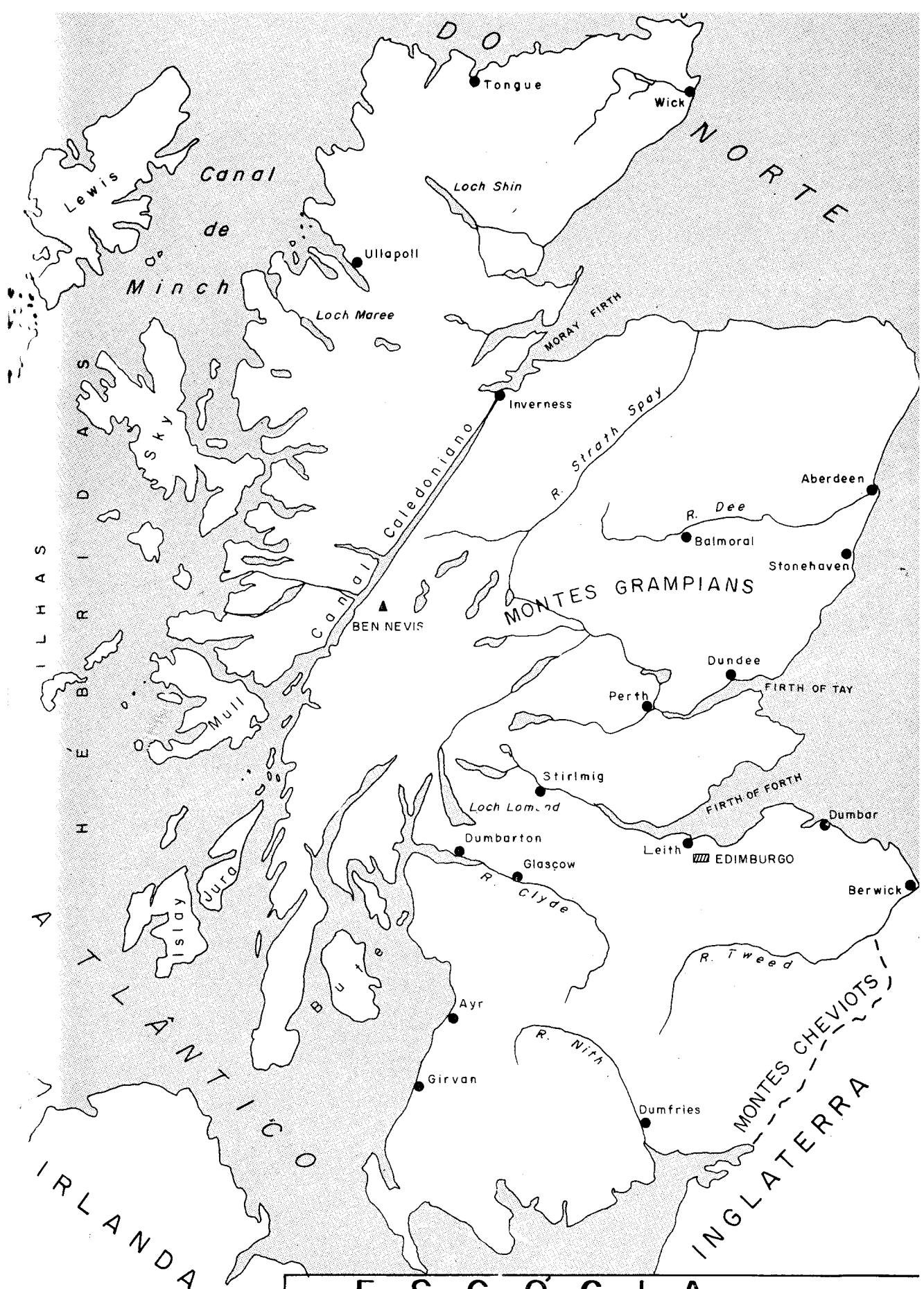
O relevo escocês não apresenta sistemas montanhosos, como em geral ocorre com serras mais recentes. O relevo caledoniano é, na realidade, a ruína de relevos passados, intensamente dissecados pela erosão de agentes atmosféricos (chuva, vento e geleiras). Sob um clima úmido e frio a vida agrícola da Escócia se concentra em *três regiões favorecidas*. Essas regiões caracterizam a topografia da Escócia, constituindo três faixas paralelas de relevo, orientadas de sudeste para nordeste numa extensão de cerca de 300 km.

a) Os *Highlands* (Terras Altas) na parte norte do país apresentam-se como um conjunto montanhoso de menos de 500 metros de altitude média, formado de serras, planaltos, lodaçais (*moorlands*) incultos e despovoados. Esta região é cortada de sudoeste para nordeste por uma longa depressão em linha reta e estreita, formando um *vale ou glen*, por isso chamado de *Glenmore*. Esta fratura extensa é ocupada por uma série de *lochs* ligados que constituem o *canal Caledoniano*. Na entrada norte deste canal situa-se a cidade de *Inverness*.

A parte meridional dos Highlands é o mais considerável bloco montanhoso do País, estando compreendida entre o *Glenmore* e a *planície dos Lowlands* (Terras Baixas); ao conjunto deste maciço é dado o nome geral de *Grampians*. O maciço é percorrido, sempre na direção sudoeste nordeste, por *vários rios* entre os quais o *Spey*. Neste setor vão diminuindo as alturas até chegar a planície do litoral, na região de *Aberdeen*. Pertence aos *Grampians* a principal altitude das serras escocesas, o *Ben Nevis*, que medindo 1.340 metros é também o mais alto das ilhas Britânicas. Entre as ilhas vulcânicas que prolongam este relevo destaca-se a *ilhota de Staffa* onde se acha a famosa *gruta de Fingal*, descoberta no século XVIII e agora bastante visitada pelos turistas, em virtude de seu atraente aspecto. Nesta região ainda, a beira do rio *Dee*, acha-se o castelo de *Balmoral*, residência de verão dos reis da Inglaterra.

Incluem-se nesta região as trezentas ilhas e ilhotas do *arquipélago das Hébridas*, separadas pelo *canal de Minch*. Apenas umas poucas dessas ilhas são habitadas; com seus lagos e fjords, são bastante altas, ultrapassando os seus montes de gnaisse os 800 metros.

b) Os *Central Lowlands* (Terras Baixas do Centro) se estendem do Atlântico ao mar do Norte, entre o relevo do norte (*Highlands*) e o relevo do sul (*Southern Uplands*). Ocupam



# ESCÓCIA

Mapa organizado por: DELGADO DE CARVALHO — 1975 — DivEd/D—pedro marcílio

a parte mais estreita entre o *Firth of Forth*, golfo profundo no mar do Norte, e o estuário do rio *Clyde* no oceano Atlântico. É a "cintura da ilha", e não mede mais de 60 km; foi aí o "Vallum Antonini" dos romanos construído para afastar os brigantes, no tempo de Antonino Pio e da rainha Boadiceia.

A depressão dos Lowlands é uma fossa de afundamento, limitada de ambos os lados por falhas retilíneas. Nas suas planícies surgem pequenas massas de rochas eruptivas que constituem o seu relevo. As *correntes fluviais* que percorrem esta região são constituídas pelos rios Tay e Forth para leste e o rio Clyde para oeste.

É na parte mais estreita do Firth of Forth que se acha a cidade de *Edimburgo*, servida pelo porto de *Leith*. Edimburgo é a capital da Escócia, devendo seu nome ao rei northumbriano Edwin, que aí fundou um porto fortificado no século VII, no lugar de um distrito gaélico; só teve foros de capital no século XV.

A oeste do canal Caledoniano, sobre o rio Clyde, surgiu no século XII a cidade de *Glasgow*, dotada de uma universidade em 1450 e que, pelo seu comércio, transforma-se-ia num grande centro urbano após a união da Escócia à Inglaterra em 1707. No estuário do Clyde situam-se *Greenock* e *Dumbarton*. O rio Firth também banha cidades escocesas importantes como *Perth* e *Dundee*. Ao longo da costa do mar do Norte, prolongando-se a planície, surge a cidade de *Aberdeen*, bastante antiga e com universidade que data de 1494.

Os Lowlands se constituem na região privilegiada da Escócia, "igual aos centros mais ativos da Inglaterra pela intensidade do trabalho, pela variedade dos recursos e a densidade da população", escreveu o geógrafo Camena d'Almeida, lembrando que certos Condados industriais tinham mais de meio milhão de habitantes por quilômetro quadrado.

c) Os *Southern Uplands* (Terras Altas do Sul) formam um conjunto confuso de alturas, recortadas de todos os lados por rios e riachos; nesta área já os lagos são mais raros, e as altitudes maiores não ultrapassam os 850 metros.

O rio mais importante da região é o *Tweed*, cuja parte inferior serve de limite entre a Escócia e Inglaterra no lado do mar do Norte. Na parte oeste correm os rios *Dee* e *Niet* para o *golfo de Solway*.

Nesta região destacam-se, na fronteira com a Inglaterra, os *montes Cheviots* de belos vales e leves declives;

são pouco elevados, pois a maior altitude é de 800 metros, mas, por outro lado, sua importância histórica é grande, pois foi este Borderland que durante vários séculos assistiu às lutas anglo-escocesas.

### 3 — Evolução Histórica

Foram varias as *tentativas romanas* para ocupar a parte norte da maior da Ilhas Britânicas. Os *pictos*, os *scotes*, os *britons* e populações pré-célticas resistiram até o século VI, quando colonizados pelos *anglos* e *misiones* de S. Colomba, que levou para lá o *Cristianismo*.

No século VII ocorreram os raids *escandinavos* com invasões devastadoras, mas que não deixaram de ser favoráveis ao *nascimento do Estado*. Assim foi levada a efeito a primeira tentativa de união no século IX, com a fusão dos reinos scotes e pictos durante o reinado do rei scote *Kenneth Mac Alpin*. Daí por diante, o nome *Escócia* foi dado ao Estado Celta, de língua gaélica e de organização tribal, que se havia formado.

Aos poucos, esse Estado foi se anglicando, e no tempo do rei David I já se constituía numa sociedade feudal com igreja romanizada. Não constituiu essa evolução um obstáculo aos frequentes conflitos de fronteira que vão surgindo com a Inglaterra, visto que a definitiva superfície da monarquia escocesa já havia sido adquirida. A vizinhança dos *dois reinos da Escócia e da Inglaterra* determina a questão da supremacia insular. Apesar de mais poderosa e melhor povoada, a Inglaterra custou a absorver a Escócia, porque sua base de operações é por demais afastada. Este fato permitiria à Escócia desenvolver mais livremente a sua personalidade original que resulta da solidariedade dos seus *highlands* e *lowlands* — a montanha e a planície. Daí a originalidade cultural, religiosa, econômica e política que perduraria, até se efetuar a união.

No tempo de Eduardo I Plantageneta, os ingleses haviam tentado obter a vassalagem escocesa, quando surgiu Bruce, o campeão das liberdades nacionais. Na chamada *Guerra dos Cem anos*, a Inglaterra não conseguiu alcançar seus objetivos, por ter a Escócia se ligado à França; o mesmo ocorreu por ocasião da *Guerra das Rosas*, que contribuiu para enfraquecer a monarquia e aristocracia inglesas.

Com o aparecimento da *reforma religiosa de John Knox* (Presbiterianismo) na Escócia, a separação tornou-se mais marcante com a Inglaterra

que adotara o credo de Henrique VIII (o Anglicanismo). Coube a Knox colaborar em parte na deposição de *Maria Stuart* que se refugiou na Inglaterra e lá foi condenada a morte por *Elizabeth I*.

Com a morte de Elizabeth, sem deixar herdeiros, a coroa da Inglaterra passava para o filho de Maria Stuart, o rei *Jaime I da Inglaterra e VI da Escócia*. Não há dúvida de que a união das duas coroas não se constituía propriamente na união das duas monarquias, subsistia certa má vontade, particularmente por parte da burguesia inglesa, que recusava partilhas com um país nobre.

O surto do absolutismo político no tempo dos Stuarts, a Dinastia iniciada por Jaime I, levaria a Inglaterra a uma guerra civil, que levaria *Cromwell* ao poder; caberia a este compelir a Escócia a seguir a política inglesa pela vitória de Dunbar em 1650; no entanto, o *Ato de União* só se efetuará em 1701. Por outro lado, o século XVIII ainda teria que assistir a algumas divergências provocadas pelo movimento jacobinista escocês.

“Apesar desta colaboração nacional dos dois Estados britânicos, não se pode dizer que a Escócia se tenha fundido com a Inglaterra. Profundamente legalista, nem por isso deixa de ter orgulho de si própria. Nenhum escocês quer ser chamado de inglês. A originalidade da Escócia se revela até nas instituições políticas, nelas subsistem particularidades no governo local; quando o Parlamento Britânico vota uma lei geral, cabe-lhe votar uma para a Inglaterra e o País de Gales, e outra para a Escócia. No Gabinete Britânico há um Secretário para a Escócia e também um Advogado-Geral. A Escócia tem suas Igrejas Nacionais, provenientes da confissão presbiteriana que representa quase dois terços da população” (Alberto Demangeon — *Les Iles Britanniques — Geographie Universelle* — Tomo I).

#### 4 — Condições Econômicas

Embora a Escócia ainda seja um país de grandes propriedades, este fato não tem a significação que se lhe poderia atribuir; boa parte das terras é constituída por superfícies montanhosas ou improdutivas, sem valor para ser repartida em pequenas propriedades. Além disto, existem razões históricas e direitos tradicionais que concentram a *propriedade territorial em mãos de famílias antigas*, cujos nomes e títulos de nobresa não facilitam o desmembramento que começou a ser tentado em fins do século XVII.

A Primeira Guerra Mundial determinou, efetivamente, a *venda de muitas terras*, mas, de um modo geral, os “lords of regality” não facilitaram no princípio uma agricultura independente. Não deixaram, entretanto, a Guerra e o após-Guerra de serem causas de prosperidade, seguidas de certa depressão, com forte desvalorização de terras.

Na primeira parte do século passado, os pequenos lavradores dos Highlands e das ilhas foram, em vários distritos, prejudicados por liquidações em grande escala que os obrigaram a se afastar para áreas já ocupadas, onde tiveram que levar vida precária, tratando mais da pescaria do que da lavoura. Foi então que o governo teve que intervir no caso, por meio de emenda às leis (*Crofter's Holding Act*) em 1883-84, acabando, assim, com a agitação política.

Embora tenha ficado mais ou menos fixada a porcentagem da lavoura com relação as pastagens, estas, no entanto, tendem a crescer. Da área total do País *cerca da quarta parte é cultivada*; os distritos montanhosos não são incluídos nas áreas pastoris, muito embora ofereçam pastagens naturais.

As maiores áreas plantadas que fornecem cereais são as de *aveia* em primeiro lugar, seguidas pelas de *cevada*, de *nabos*, de *batatas*; são menores as colheitas de *centeio*, de *ervilhas* e de *trigo*. As áreas dedicadas ao trigo e batata têm aumentado, sabendo-se que o governo vem também estimulando a cultura da *beterraba*. “A produção por acre de colheitas de cereais é muitíssimo alta, como que para compensar a limitação das áreas de cultura”, diz o geógrafo Osbert Radcliffe Howart na *Encyclopedia Britannica*.

Destaca-se nas regiões de campos ralos e matos a *criação de carneiros*. A *pesca* constitui um dos recursos essenciais das costas do Atlântico, mas são os portos de Dundee e de Aberdeen no mar do Norte que se destacam no setor.

A riqueza do subsolo dos Lowlands, onde as *fazidas de ferro são vizinhas das bacias carboníferas*, favoreceu muito a industrialização, embora, atualmente, tenha decaído, representando ainda cerca de 12% da produção total da Grã-Bretanha. A *metalurgia pesada* se localiza na *região de Glasgow*; é no *estuário do rio Clyde* que se acham as *construções navais*. Nos Lowlands também se concentra a construção de máquinas e locomotivas.

Quanto à *indústria têxtil*, já muito antiga na Escócia, é famosa a produção

da bacia do Tweed, cuja especialidade é o tecido conhecido sob o nome daquele rio. Nas Hébridas ficou célebre o seu *homespun*, tecido de lã primitivamente fiado em casa, como o nome indica. A tecelagem do algodão só apareceu na época da revolução industrial, concentrando-se atualmente em Glasgow que se especializou em *chaes e musselines*. Muito têm se desenvolvido os *tecidos artificiais*; os tecidos de juta são especialidades de Dundee.

## 5 — Conclusão

Nos seus 77.000 km<sup>2</sup> vivem na Escócia, segundo estimativa de 1971, cerca de 5.223.000 habitantes, representando, pois, 10% da população total das Ilhas Britânicas. Em 1911 era de

4.760.000 a população escocesa, menor naquela época do que a da Irlanda.

Cerca de 91% dos habitantes são escoceses, 3,8% ingleses e 3,2% irlandeses. Esses elementos se acham principalmente nas cidades industriais do sul e do centro.

Uma estatística de 1931 revelou que mais de 7.000 pessoas só falavam e entendiam o *gaélico* e 130.000 falavam o *inglês*. É sobretudo devido ao isolamento de certos distritos que a emigração tem procurado mais favoráveis condições rurais; assim, em 1921, 13% da população do Canadá era escocesa, fato aliás que coincide com a imigração irlandesa de trabalhadores rurais, que os escoceses estranham com receio para suas tradições nacionais.

(julho de 1975)

# Reino da Bélgica

THEREZINHA DE CASTRO  
Geógrafa do IBGE

## 1 — Posição

Localizada numa *encruzilhada estratégica*, a *Bélgica*, com uma área territorial de 30.513 km<sup>2</sup> (pouco maior que o nosso Estado de Alagoas — 27.731 km<sup>2</sup>), ocupa *posição privilegiada na Europa*. Enlace entre a França e Alemanha, seu espaço geopolítico foi sempre importante para a Inglaterra, por se encontrar aí a passagem direta para suas relações mercantis e influência no continente europeu.

Sua costa no *mar do Norte* mede 66 km; suas *fronteiras terrestres* que se desenvolvem por cerca de 1.444 km, são, de um modo geral, *artificiais*, constituindo-se em exceção apenas a *zona litorânea dos rios Lys e Mosa*. As *grandes artérias hidrográficas* que banham o País são tributárias do mar do Norte; têm suas nascentes fora do território belga — o *Iser*, o *Lys*, o *Escalda*, o *Sambre* e o *Mosa*, enquanto o *Escalda* e o *Mosa* deságuam em território holandês.

Sem se levar em conta as regiões históricas e os acidentes físicos, as fronteiras belgas correspondem, em linhas gerais, aos interesses da França e Holanda. Com a França seus limites foram traçados em função da política belicosa de Luís XIV que, embora contando com a oposição inglesa e holandesa, conseguiu ocupar praças avançadas em lugares estratégicos dos caminhos de invasão. Esses pontos são Lille diante da Flândres, Condé no Escalda, Maubeuge no Sambre em rota natural para o Hainaut, e finalmente Givet no Mosa, verdadeira sentinela voltada para o Namur. Para a Holanda, perdeu a Bélgica uma fração do Limburgo situada na margem direita do Mosa e parte da foz do Escalda tão importante para Antuérpia, o porto fluvial belga de contacto com a Europa Central. Já no leste, a Bélgica foi mais

favorecida, com a anexação de grande parte do Luxemburgo, obtendo Malmédy e Eupen, envolvendo, portanto, populações alemãs em seu território.

## 2 — Povoamento

O território belga é ocupado de um modo geral por *flamengos e valões* que representam, respectivamente, os percentuais de 52% e 43%. Se traçarmos uma linha ligando de um lado ao outro Conrai a Visé, passando por Bruxelas, Tirlemont e Tongers, encontramos a divisória entre os territórios ocupados pelos dois povos acima citados. Nessas condições, podemos caracterizar a bacia do Mosa como o núcleo dos valões, por excelência, ficando a do Escalda ocupado por maioria flamenga e na zona interiorizada do país localizam-se os *alemães*.

Em função de seu povoamento, a Bélgica é *um país trilingue*, contando com o *francês, holandês e alemão* como idiomas oficiais, com *fronteiras linguísticas* fixadas respectivamente em novembro de 1962 e agosto de 1963. Quanto ao dialeto flamengo, sabe-se que deriva do alemão, sendo bastante parecido com o holandês, já o valão deriva do francês do norte.

A *pluralidade linguística e cultural* não impediu, porém, que se formasse o *Estado belga*, resultado da fusão de um núcleo geohistórico, composto por três unidades importantes na Idade Média, os *Condados da Flândres, do Brabante e do Hainaut*. Condados que, embora constituídos por terras de transição, estiveram sempre *unidos espiritualmente pela fé católica*, professada ainda hoje pela maioria do povo belga. Estima-se hoje que vivam na Bélgica, ao lado da maioria católica, apenas cerca de 24.000 protestantes e 35.000 judeus.

Ao lado das numerosas igrejas que compõem a paisagem belga, chamam a atenção os *béguinages*, sobretudo os de Bruges, Malines, Louvain e Gand. A Grande Béguinage ou Béguinage de Santa Isabel, em Gand, é constituída por pequeno povoado onde vivem à parte cerca de 700 pessoas, contando com 18 conventos. Encontra-se isolada do resto do mundo por altos muros circundados por fossos, abrigando também várias casas de fachadas estreitas e de pouca altura, em ruas que convergem para uma praça central onde se localiza uma igreja. A palavra Béguinage parece derivar de Bége, sobrenome de Lamberto, o Tartamudo, presbítero de Liège, fundador do primeiro convento neste estilo em 1180. Para ingressar numa Béguinage, com finalidades caritativas, as viúvas ou solteiras-

fazem o voto de castidade, pobreza e também de obediência a Grand Dame ou Superiora, espécie de Prefeita, nomeada pelo Bispo.

Segundo estimativa feita a 31 de dezembro de 1970, a Bélgica contava com 9.690.991 habitantes. Em densidade populacional alcança nível superior ao da Europa Ocidental que tem em média 90 habitantes/km<sup>2</sup>; este fenômeno vem ocorrendo na Bélgica desde a Idade Média, quando poucas cidades da Europa podiam competir em número de habitantes com os núcleos urbanos das poderosas regiões da Flândres e do Brabante.

Num exame geral da distribuição populacional na Bélgica, nota-se logo a diferença existente entre as áreas ocupadas pelos flamengos das ocupadas pelos valões. Em a zona flamenga o superpovoado é fenômeno antigo, advindo do progresso paralelo que sempre apresentaram a economia rural e urbana; aí a população sempre se distribuiu de modo mais uniforme. Na maior parte desta região o índice é hoje de 200 habitantes/km<sup>2</sup>, em especial na zona de tráfico e de maior atividade industrial, envolvendo os centros fabris de Courtrai, Gand e Antuérpia. Somente a região do Campine, com terras agrícolas improdutivas e de descobertas minerais mais recentes, encontram-se ainda distritos com cifras inferiores aos 75 habitantes/km<sup>2</sup>. Por sua vez, o habitat dos valões é bem menos povoado, com o Hainaut e Liège apenas apresentando cifras superiores a 1 milhão de habitantes. São as áreas húliferas que se estendem ao longo das bacias do Sambre e Mosa que dão os maiores índices populacionais a zona ocupada pelos valões, que vai se rarefazendo à pouca distância desses focos mineiros quando aparecem então os bosques e terras pantanosas; chegamos, assim, até a região das Ardenas onde se encontram somente 45 habitantes/km<sup>2</sup>.

### 3 — Aspectos Geográficos

O território belga desce suavemente da meseta das Ardenas até a costa baixa do mar do Norte. Nesta conjuntura, sob o aspecto fisiográfico estão nitidamente delineadas três faixas topográficas constituídas de norte para sul pelas terras baixas costeiras, pelas planícies do centro e meseta interior.

a) A *Bélgica Baixa* se constitui de estreita faixa costeira ocupada por praias arenosas banhadas pelo mar do Norte, chegando até uma espécie de muralha formada por dunas de aspecto estéril, fixadas por vegetação rasteira.

O território da Flândres, planície baixa, indo somente até 5 metros acima do nível do mar, foi penosamente conquistado pela população flamenga por meio de diques e saneada com a construção de canais. Vivem seus habitantes da exploração intensiva das terras, criando vacas leiteiras, ovelhas e cavalos de raça. Hoje, de um modo geral, a Flândres se encontra transformada num jardim artificial, porém fértil, com sua zona arenosa ocupada por bosques (os bocaje belgas) e seu terreno argiloso-úmido convertido nos polders de verdes pradarias.

Durante a Idade Média as cidades da Flândres foram para o oeste da Europa o que as cidades italianas representavam para o Mediterrâneo. Eram ricos empórios intermediários mercantis e grandes centros de fabricação têxtil.

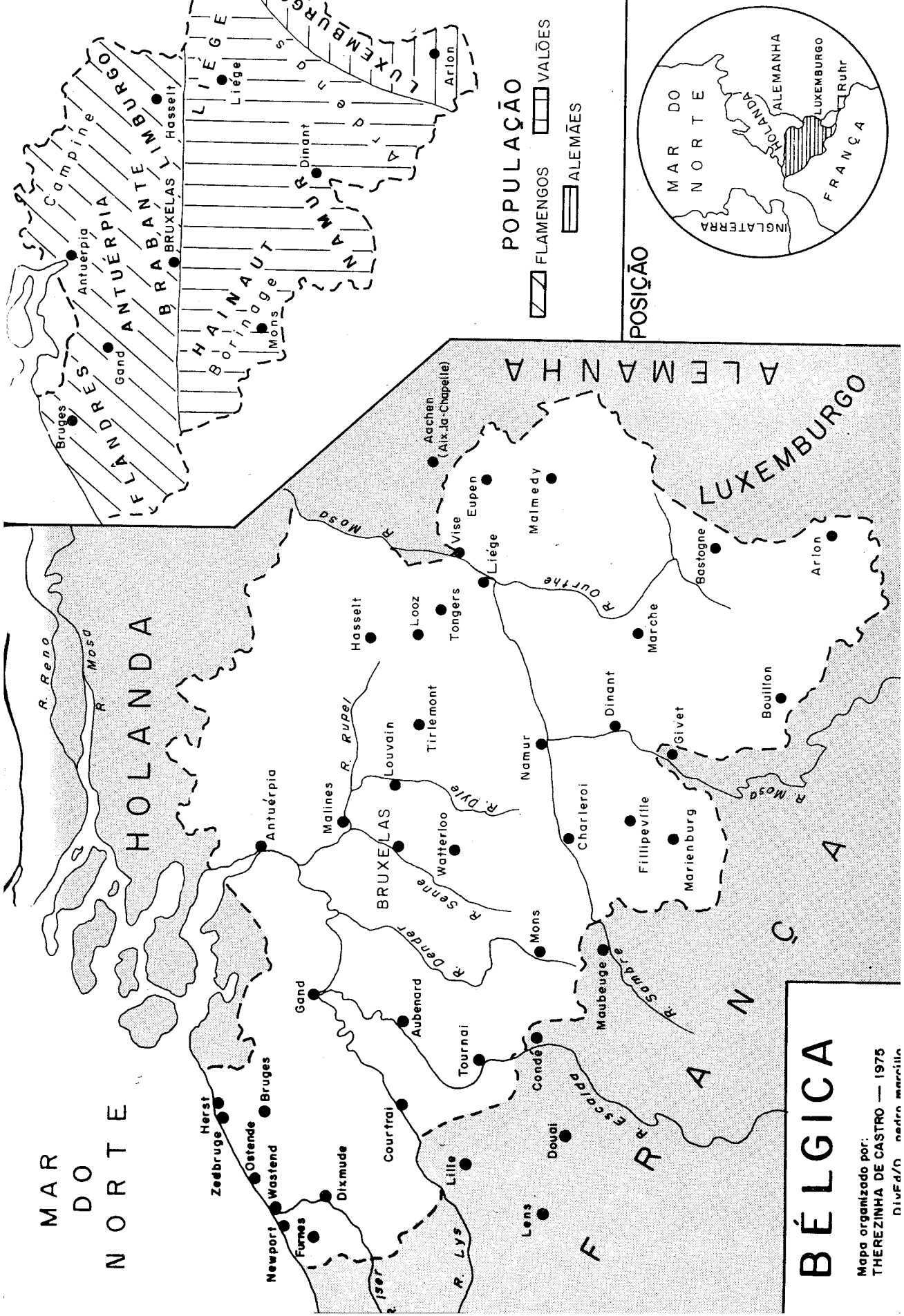
Bruges (1.056.855 habitantes) e Gand (1.314.037 habitantes), capitais respectivas das províncias da Flândres Oeste e Leste, muito se desenvolveram no passado, transformando-se em principais portos e centros urbanos regionais. Suas indústrias dominaram o comércio internacional da lã do século XIII ao XV; no século XVI a Flândres orgulhava-se de sua manufatura do linho, completando-a no século XIX ao ingressar na manufatura do algodão. Dedicando-se também a malharia e fabricação do nylon, Gand é na atualidade porto fluvial localizado na confluência dos rios Lys e Escalda, comunicando-se porém, com o mar do Norte através de um canal que o conecta com Bruges e Zeebonger.

Nos dias atuais as praias da Flândres são concorridas estações balneárias; além desta função, Newport se destaca como porto pesqueiro, enquanto Ostende e Zeebrugen se constituem nas instalações portuárias de mais intensa e rápida comunicação com a Inglaterra.

b) Na Idade Média, a vida marítima não chegou a penetrar na região leste do Escalda, por isso o Campine ficou a margem do progresso da Flândres. A inversão de capitais em Antuérpia contribuiria para a transformação inicial da chamada *Bélgica Média*, que se desenvolveria ainda mais com a descoberta de reservas de carvão e hulha no Campine e Limburgo já no início de nosso século.

A *Bélgica Média* se estende da margem direita do rio Escalda até o vale do Mosa, apresentando aspectos de aridez em muitos lugares e zonas alagadiças em outros. O Brabante, por exemplo, forma uma planície acidentada graças ao aparecimento de colinas; a província se dedica a cultura de cereais e hortaliças. Encontra-se nessa província





MAR DO NORTE

HOLANDA

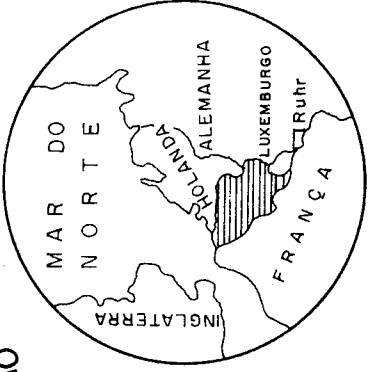
**BÉLGICA**

Mapa organizado por:  
**THEREZINHA DE CASTRO** — 1975  
 DivEd/n dentro marçêllo

**POPULAÇÃO**

- ▨ FLAMENGOS
- ALEMÃES

**POSIÇÃO**



cia a cidade de *Bruxelas* (2.177.975 habitantes), situada no rio Senne. Sua escolha para centro administrativo do País tem implicações geopolíticas; encontra-se em *ponto mais estratégico para vigiar todas as fronteiras do País*, já que se acha a igual distância do mar do Norte, da Holanda, da França e da Alemanha; em contrapartida, situa-se na *fronteira geohistórica* que divide flamengos e valões, como também na *encruzilhada das rotas* que comunicam Paris com Amsterdan e Colônia com Antuérpia.

Caminhando-se 18 km para o sul vamos encontrar a histórica cidadezinha de *Watterloo*, campo de batalha no qual Napoleão Bonaparte foi definitivamente vencido. Para o oeste, a uns 20 km da capital belga, localiza-se *Louvain*, nas margens do rio Dyle, de grande importância na Idade Média por sua indústria têxtil, e bastante movimentada graças à posição da cidade na metade do caminho entre Bruxelas e Antuérpia; hoje é destacado *centro intelectual do País*, pela fama de que ainda goza a sua Universidade Católica, com mais de cinco séculos.

A região do Campine, ao lado das províncias do Limburgo e Brabante, conta hoje com a vantagem imediata de formar o *hinterland* de Antuérpia.

Segunda cidade do País em população, conta *Antuérpia* com 1.535.680 habitantes, segundo estimativa de 1970, tendo desempenhado sempre parte essencial na economia dos belgas. Situada na margem direita do Escalda, a 88 km de sua embocadura no mar do Norte, Antuérpia se esforça para conservar uma maior porção do comércio em trânsito para a Alemanha e Suíça, visto que a Bélgica, sozinha, se lhe constitui num *hinterland* bastante limitado. Além de monopolizar o comércio nacional, Antuérpia se apresenta como elo de ligação entre a Europa Central e a Inglaterra.

As cidades de *Mons*, *Charleroi*, *Namur* e *Liège*, dominam as bacias húliferas que afloram ao largo dos vales do Sambre e Mosa. As camadas produtivas se sucedem ao largo da linha Sambre-Mosa numa longitude de 170 km com larguras que vão dos 3 aos 5 km; a exploração se faz a uma profundidade de 300 metros, em média. Essas bacias alimentam as tradicionais indústrias têxtil belgas, bem como as indústrias modernas, constituídas pela metalúrgica e química.

c) Embora os picos elevados das *Ardenas* alcancem poucas vezes altitudes superiores aos 600 metros, por sua posição continental é região fria, ocorrendo, por exemplo, 145 dias de nevasdas anuais em *Bastogne*. Bosques de

abetos e faias cobrem essa meseta, considerada como montanha de difícil acesso, que vive da pecuária, dedicada aos tipos porcino, vacum e cavalari.

Ao sul das Ardenas encontra-se a *Lorena Belga* ou *baixo Luxemburgo*, oferecendo paisagens variadas de pequenas altitudes e depressões, onde se pratica preferencialmente a fruticultura. *Arlon* (219.186 habitantes), capital do Luxemburgo Belga e *Namur* (384.689 habitantes) capital da província do mesmo nome, são os centros regionais mais movimentados.

Assim como a vida mais intensa da Bélgica Média procura se envolver com a da Bélgica Baixa, essa região da chamada *Bélgica Alta* busca a bacia do Mosa, que a corta através de vale profundo; estende-se, em especial, na direção do eixo formado por *Givet*, *Dinant* e *Namur*.

## 4 — Formação do Estado

A despeito de seu povoamento e paisagens diversas, *as três Bélgicas* se interpenetram e se complementam para formarem *um só país*.

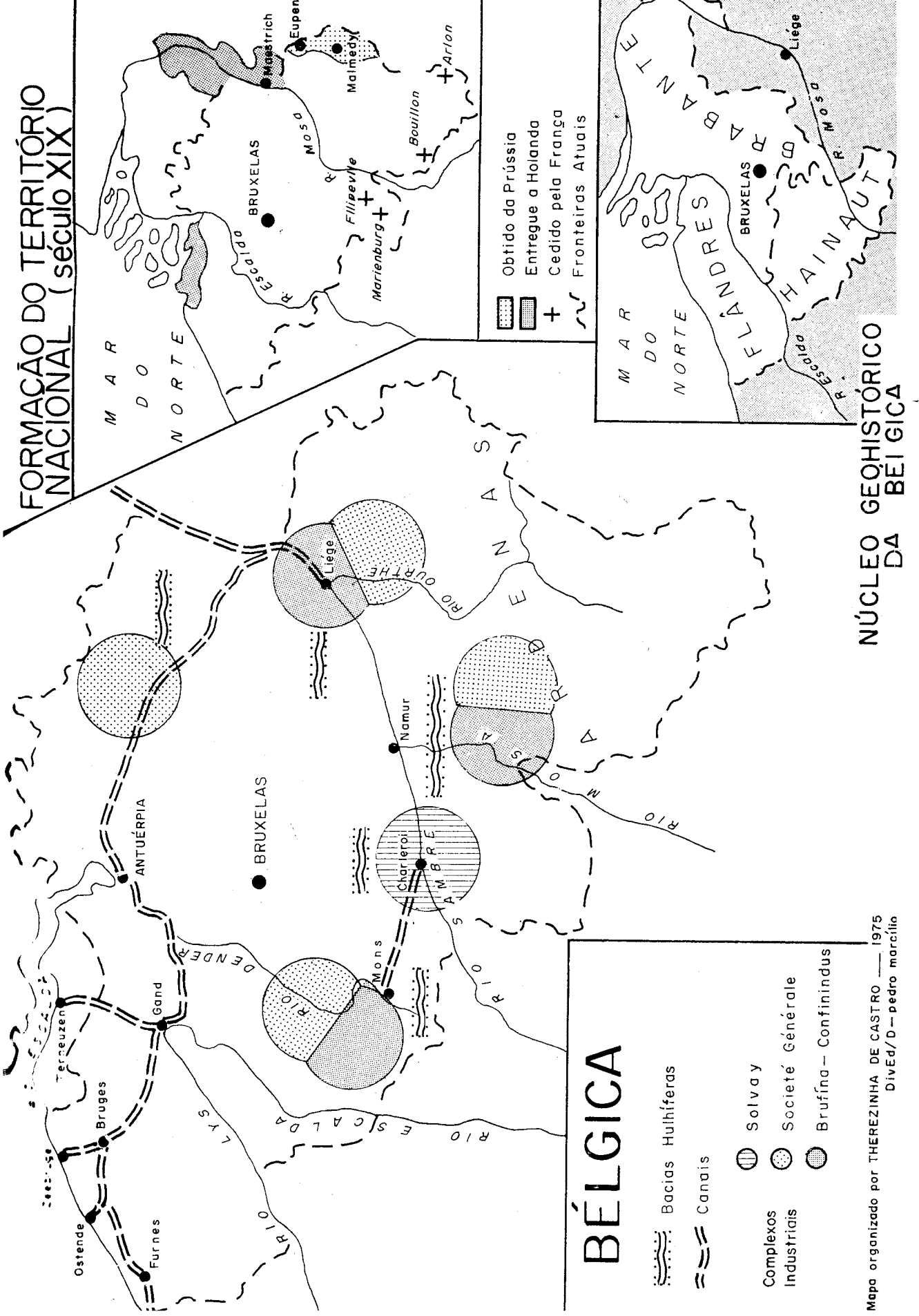
A semelhança da Inglaterra, a Bélgica é país que não pode prescindir do comércio exterior de matérias-primas para alimentar a sua indústria e colocar os seus produtos.

Situa-se a Bélgica na *junção das principais zonas industriais da Europa*: a Inglaterra, o norte da França e Lorena, e a Renânia. Em contrapartida, produz a Bélgica, em abundância, o primeiro elemento base da economia solicitado pela revolução industrial e advento do maquinismo — o carvão. Sua mão-de-obra foi sempre laboriosa e hábil por tradição, além de abundante, daí ter o país se constituído sempre num *bom mercado*.

Bem dotada de *rodovias* (12.099 km) e *ferrovias* (4.144 km), o país é também cortado por *canais* unindo suas principais bacias hidrográficas. O canal de Mons a Charleroi facilita o escoamento do carvão do centro e do Borinage; o canal de Campine dinamiza a região com a junção do Mosa-Escalda em território belga; entre esses dois rios, ainda o canal Alberto liga Liège a Antuérpia.

Tradicionalmente agrícola e industrial, a Bélgica, ao se tornar independente em 1830, era desprovida de experiência comercial, já que esta estivera sempre a cargo dos holandeses. Aos poucos, porém, foi saindo da passividade para cuidar de sua marinha mercante; hoje o país possui 25 com-

# FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO NACIONAL (século XIX)



# NÚCLEO GEOHISTÓRICO DA BELGICA

## BÉLGICA

- Bacias Hulíferas
- Canais
- Complexos Industriais
- Societé Générale
- Brufina - Confinindus
- Solvay

panhias mercantes dentre as quais se destacam a Compagnie Maritime Belge e a Belgian Fruit Lines S.A.

A prosperidade industrial da Bélgica e a comercial da Holanda sofreram rudes golpes com a segunda Guerra Mundial. Assim, em 1944, pouco antes do término do conflito, era firmado em Londres o *Acordo Belga-Holandês* que estabelecia uma união aduaneira entre os dois países, ao qual aderira pouco depois o Luxemburgo para formarem o BENELUX. Além dessa união econômica, a Bélgica se beneficia da CECA (Comunidade Européia do Carvão e Aço) e MCE (Mercado Comum Europeu).

Seis grandes "trusts" controlam a maior parte das indústrias belgas na atualidade. A Societé Générale, fundada em 1822, controla de um modo geral a indústria pesada e elétrica, juntamente com a Brufina-Confinindus; nas mãos do Groupe Solvay estão as indústrias químicas.

Por sua posição central no conjunto europeu, a Bélgica participa intensamente não somente de consórcios econômicos mas também dos *problemas políticos*. Durante os dois conflitos bélicos mundiais a *neutralidade da Bélgica foi violada*. Sua posição estratégica, como zona de passagem, muito concorreu para isso, por se encontrar na *zona de contacto entre o mundo latino e o germânico*, como ainda por sua área flamenga gravitar em torno da Holanda e a valã em torno da França.

*País de trânsito*, a Bélgica, cujo topônimo atual só foi adotado no século XVIII, constituiu-se, na antiguidade, no *habitat dos belgae*, tribo céltica, até ser conquistada por Júlio Cesar e se incorporar ao *Império Romano*. Esteve posteriormente sob controle do *Império Carolíngio* que, ao se desfazer, levou paulatinamente a Bélgica a propriedade dos *Duques de Borgonha*.

Territórios belga e holandês, sob a denominação de *Países Baixos*, seriam incorporados por Carlos V, rei da Espanha, na era moderna. À semelhança da península Ibérica, onde a luta em separado pela expulsão dos árabes daria origem à Espanha e Portugal, nos Países Baixos a *reforma religiosa*

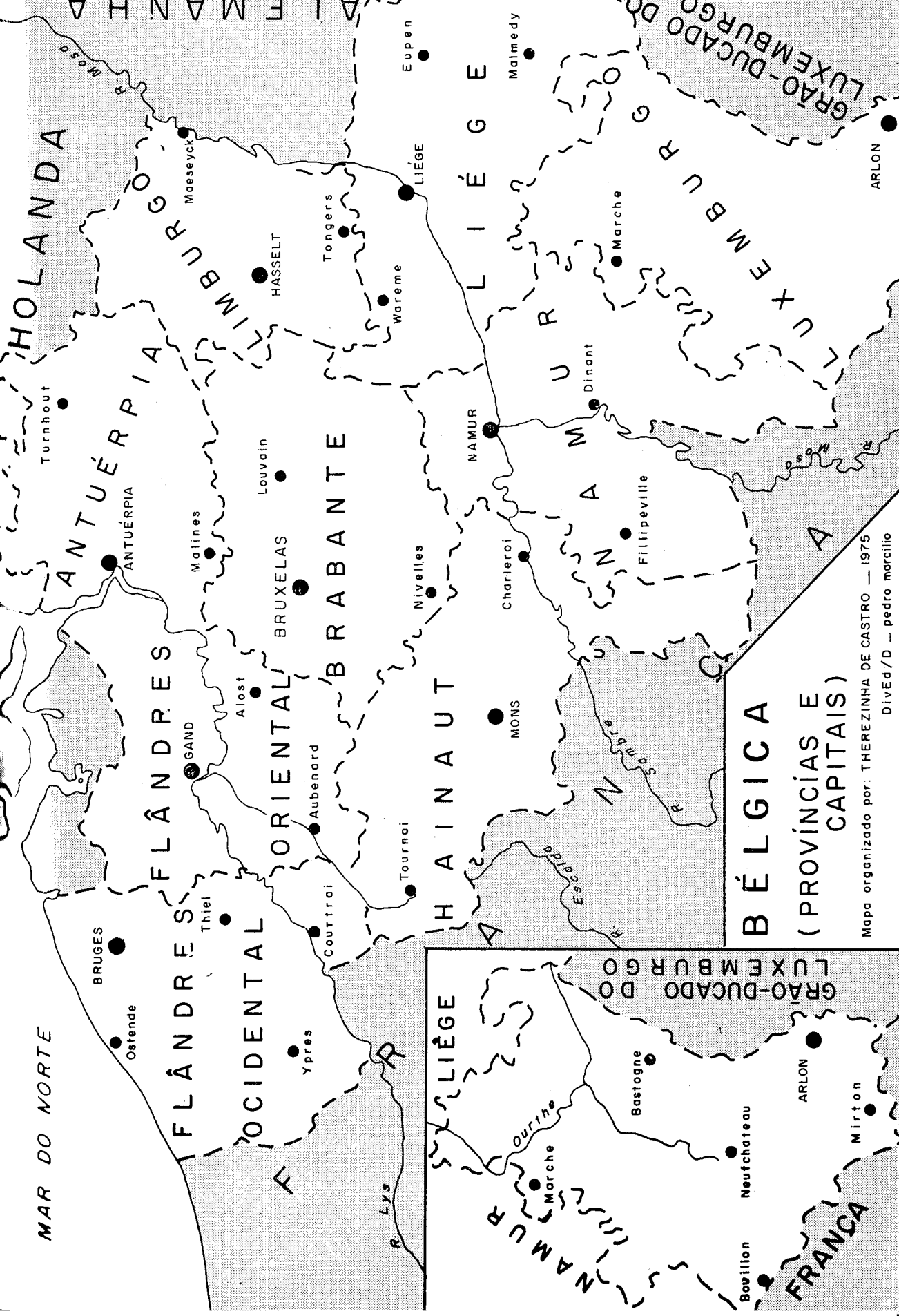
iria afastar a Holanda calvinista da Bélgica católica. Assim, em 1581 tornava-se a Holanda independente, separando-se da Bélgica que continuava politicamente a se constituir nos *Países Baixos Espanhóis*, que passava em 1740 para o *domínio austriaco dos Habsburgos*.

Em 1815, o Congresso de Viena *anexava novamente a Bélgica à Holanda*, por terem os holandeses entregue suas colônias (Cabo e Ceilão) à Inglaterra — era o sistema das compensações então em vigor. Formava-se o *Reino Unido dos Países Baixos*, sem se levar em conta as diferenças fundamentais entre os belgas e holandeses: os primeiros católicos e os segundos calvinistas.

A frente deste reino ficou Guilherme I, que, tomando certas medidas, pôs os belgas contra si: procurou oficializar o idioma holandês na administração, justiça e ensino; irritou o clero católico ao introduzir o ensino leigo obrigatório; desagradou aos liberais perseguindo jornalistas contrários ao regime. Por essas razões, liberais e católicos uniram-se para fazer oposição ao rei; este, em vez de atendê-los em suas pretensões, enviou um exército para ocupar Bruxelas, tendo então início o *movimento separatista revolucionário* (1830). Interessadas diretas nessa zona de passagem, a França e Inglaterra intervieram em favor dos revoltosos belgas facilitando-lhes a independência.

Escolheu-se, então, como primeiro soberano do *Reino da Bélgica*, o Príncipe Leopoldo de Saxe Coburgo, que prestou juramento à *Constituição de 1831*; enquanto isso, a Conferência de Londres impunha à Bélgica a *neutralidade perpétua*, ficando a integridade territorial sob garantia coletiva da França, Inglaterra, Áustria, Prússia e Rússia (1839). Daí a categoria de *Estado-Tampão* que se pode atribuir à Bélgica. De Leopoldo I, o primeiro rei dos belgas, que governou de 1831 até 1865 descende Balduino, atual monarca, que subiu ao trono em 1951. Governa Balduino um *Reino Constitucional Representativo* de acordo com a ainda vigente Carta de 1831.

(julho de 1975)



MAR DO NORTE

# BÉLGICA (PROVÍNCIAS E CAPITAIS)

Mapa organizado por: THEREZINHA DE CASTRO — 1975  
DivEd/D — pedro marcelio

# Tanzânia — República Unida

DELGADO DE CARVALHO

## 1 — Introdução

Extensos territórios africanos, conhecidos durante séculos através de monótonas histórias de conquistas, acabaram por se tornarem espólios de colonizadores que, transformando-se em industriais e comerciantes, passaram a tirar proveito de populações desprotegidas. Sob pretexto de convertê-las e de civilizá-las, impingiram-lhe suas mercadorias.

As duas guerras mundiais foram alijando os civilizadores e libertando os civilizados. Assim, no continente africano, onde existiam no princípio deste século apenas dois países independentes, surgiram, nestes últimos dez anos, mais de duas dezenas de Estados soberanos e independentes, lembrando-se, alguns deles, de mudar de nome, a fim de romper mais claramente com o passado colonial, enquanto outros, recorrendo a nomes históricos, procuraram pagar tributo ao seu passado nacional.

A África Austral, uma terra relativamente nova para os europeus, já era ocupada há milhares de anos e conhecida dos egípcios; os persas e os árabes a colonizaram mais tarde, e lá já prosperavam vários estabelecimentos, quando no século XVI eram estabelecidas feitorias portuguesas.

Em 1828 o sultão de Mascate (Oman) estabeleceu-se em terra africana, na ilha de Zanzibar, de onde iniciou ativo tráfico de escravos pelo continente a dentro, através do Kênia e Tanganika, embora contando com a persistente oposição dos nativos.

Quando a Alemanha unificou-se tornando-se império, contrariando a opinião inicial de Bismarck, julgou oportuno ter colônias como as demais potências européias; comerciantes alemães iniciaram seus tratados com che-

fes indígenas no interior. Desenvolveu-se, assim, certa influência unificadora, com agricultura variada e construção de estradas de ferro. A língua bantu, o *suahili*, tornou-se idioma geral. Após a Primeira Guerra Mundial os ingleses substituíam os alemães através de *Mandato* que obtinham da *Liga das Nações*; em 1946, já então sob a égide das *Nações Unidas*, passava a região para a *administração britânica*.

Em dezembro de 1961 a *Tanganika* tornava-se *país independente*, envolvendo um território de cerca de 939.000 km<sup>2</sup>, equivalente ao do Nordeste brasileiro (969.736 km<sup>2</sup>).

“Não temos grandes tribos para nos incomodar, nem reinos como em Uganda, nem conflitos tribais como no Kênia”, disse Julius Nyerere, antigo instrutor católico, fundador da “*Tanganika African National Union*” (T.A.N.U.), que foi eleito deputado em 1958, tornou-se ministro e, finalmente, chefe de Estado em 1962.

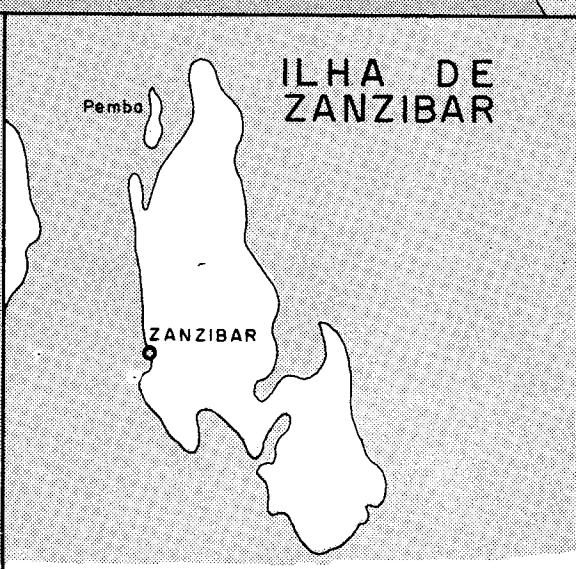
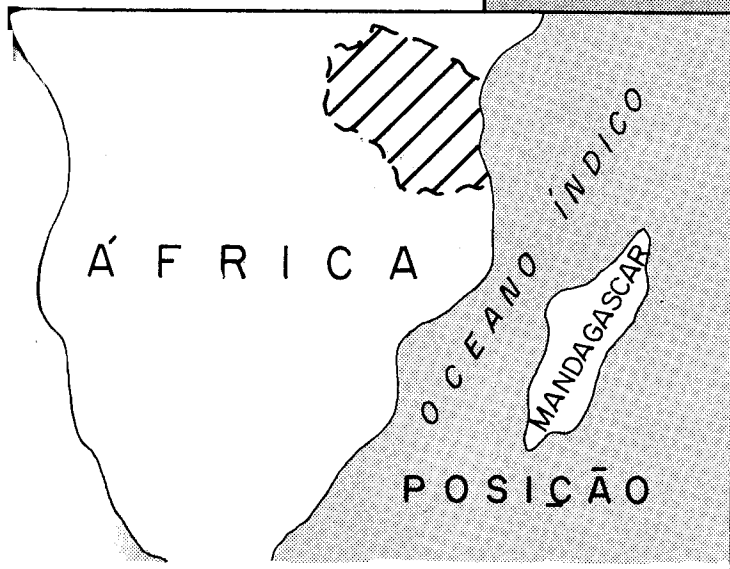
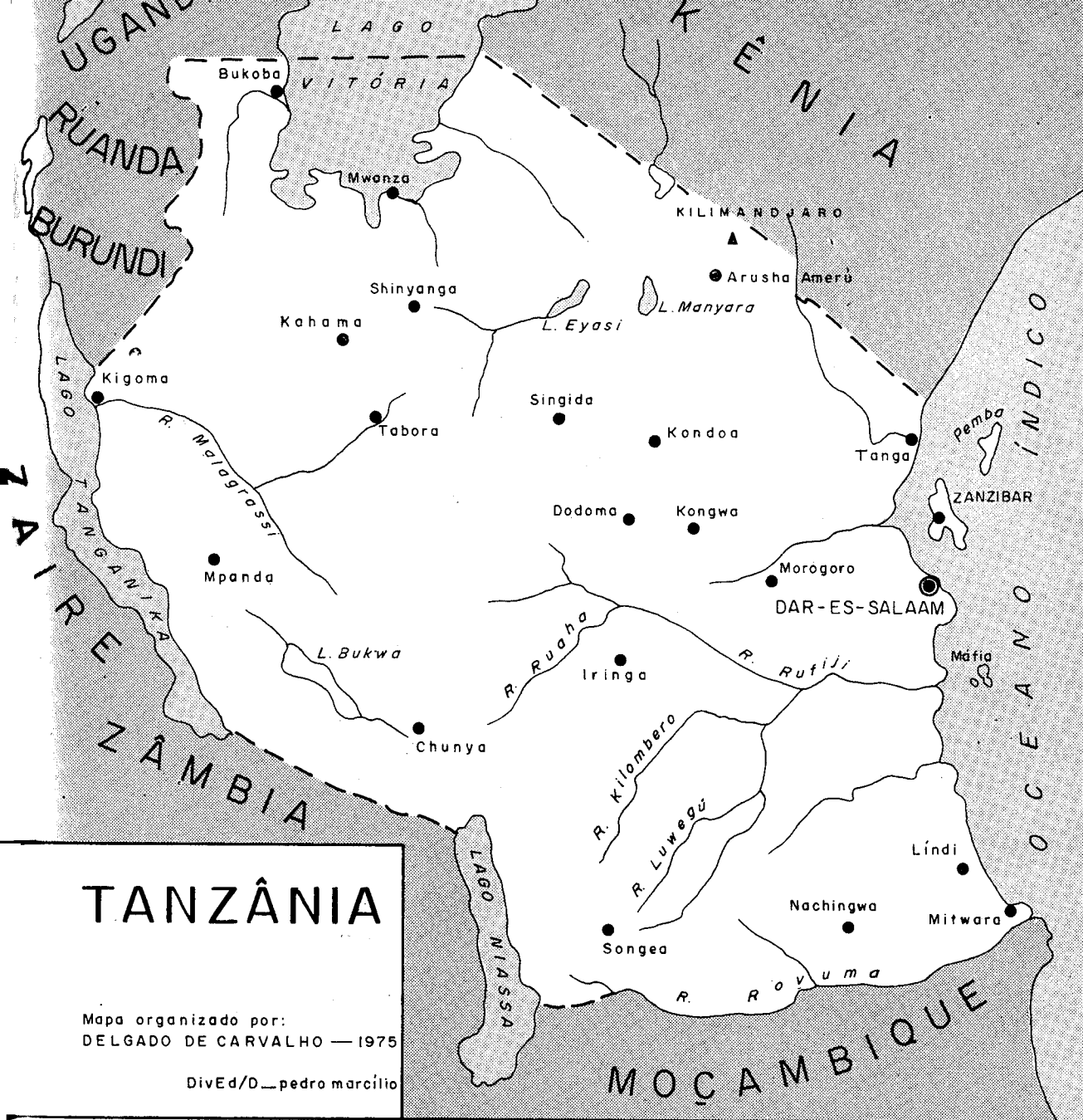
## 2 — Aspecto Físico

O litoral da Tanzânia, no oceano *Índico*, é constituído por uma faixa sedimentar pantanosa que vai se alargando do norte para o sul. Não é alto o relevo no interior, mais se assemelhando à orla de extenso planalto que declina progressivamente para o oeste, onde se encontra *depressões lacustres*, que no sentido norte-sul formam as fossas dos lagos *Niassa*, *Tanganika* e *Vitória*. Esta estrutura geológica faz parte da extensa falha que caracteriza a África Oriental. São lagos de forma alongada e de grandes proporções; o Tanganika mede 80 km de largura por 680 km de comprimento, apresentando 1.435 metros de profundidade. O lago Vitória ocupa uma cavidade circular de 83.000 km<sup>2</sup> de área, equivalente a mais ou menos o dobro do Estado do Rio de Janeiro; na realidade, é nesta região que se acham as várias fontes do rio Nilo.

Estes vales de fratura se produziram até a época quartenária, provocando a formação de um conjunto vulcânico de grande extensão na região sudeste do lago Vitória, onde se encontram os maiores maciços montanhosos da África, representando-os o *Kilimandjaro* que mede 5.960 metros, e na sua vizinhança o monte *Meru*, ultrapassando 1.400 metros.

As fossas tectônicas dividem o planalto cristalino que tem em média mil metros de altitude, em diferentes regiões, com características próprias.

Os *planaltos da Tanzânia*, situados na zona tropical seca da África Oriental, são dotados de *vegetação pobre*;



as temperaturas não são excessivas, embora constantes. A região litorânea é dotada do *regime de monções*, que no oceano Índico chegam a ter grande intensidade; no inverno boreal sopram da Ásia, reforçando os *ventos alísios*. Estes ventos periódicos são chamados "ventos do comércio" tendo em vista a grande influência que exercem no intercâmbio realizado entre a África Oriental, a Arábia e a Índia, influência que exerceram, principalmente antes da navegação a vapor. A este fenômeno da natureza deve a África Oriental a existência de sua excelente população de marinheiros.

Quanto às temperaturas e chuvas, verifica-se que Zanzibar tem em março o seu mês mais quente com 27°C., e em julho o seu mês mais frio com 24°C. Quanto a Tabora, a 1.340 metros de altitude, já no planalto, apresenta 28°C em outubro e 18°C em julho como temperaturas médias características. Quanto à pluviosidade, sobe esta anualmente a 1.400 metros em Zanzibar, enquanto Tabora recebe apenas 852 mm; no litoral Tonga recebe mais de 1 metro e meio e Dar-es-Salaan recebe 1.150 mm.

A fracas distâncias notam-se contrastes, devido às diferentes orientações e altitudes no vasto planalto exposto a secas. As colinas formam permanentes oásis de verdura, enquanto as neves e geleiras caracterizam as grandes altitudes desta região equatorial

Poucos são os rios de importância na região planaltina. No norte do maciço Kilimandjaro corre o *Pangani*: na parte central destaca-se o *Rufiji* que tem vários tributários como o *Ruaha* e o *Kilembero*, que vem do sul. O rio *Rovuma* faz fronteira com Moçambique. O lago Tanganika recebe o rio *Malagarasi*, e o lago Vitória o rio *Kagera*; este último, bem como o *Rifiji*, são navegáveis em pequena extensão.

Entre Dar-es-Salaan e Tanga, canais marítimos separam do litoral as ilhas de *Zanzibar* e *Pemba*. A primeira é uma ilha chuvosa, baixa, coberta de belas matas de teca e de plantações de cana e algodão; mantém o monopólio mundial do carvão da Índia. Nos seus 1.700 km<sup>2</sup> habitam 200.000 pessoas, vivendo em Pemba cerca de 165.000 habitantes.

### 3 — Recursos Econômicos

A principal atividade econômica da Tanzânia é *agricultura*; não faltam grandes propriedades rurais, que se acham geralmente isoladas, produzindo tanto para o consumo como para a exportação. O *milho*, o *milhete* e a

*mandioca* são culturas que vingam em solos pobres, apesar das secas. Vários outros produtos como o *arroz*, o *trigo*, a *batata*, o *feijão branco*, o *coco* e a *banana* fazem parte da alimentação local. Para exportar, destacam-se o *café*, o *algodão*, o *sisal* e o *cravo-da-índia*, englobando cerca de 65% do total. A Tanzânia, entretanto, tende a diversificar ainda mais as suas exportações, incluindo nelas o *fumo*, o *chá*, o *trigo* e *oleaginosas*.

Durante muitos anos o *sisal*, que produzia fibra para a fabricação de cordas e barbantes, alcançou grandes preços; no entanto, em meados de 1960 caía a sua exportação. Por sua vez, o *algodão* e o *café* também sofriam baixas no preço, em função das secas, mas as cooperativas conseguiram sustentar a crise. Atualmente, o algodão prospera no sul do lago Vitória, sustentando densa população; o café arábica se aclimatou nas orlas do Kilimandjaro, e o café robusta no oeste do lago Vitória; quanto ao cravo-da-índia é na região de Pemba que se produz cerca de 80%, fazendo da Tanzânia o maior exportador mundial.

Em 1969 as principais exportações foram de algodão, café, sisal e diamantes. A Tanzânia é riquíssima em *minas de ferro*, *de carvão*, *de ouro* e *mica*, embora ainda não explotadas; só os diamantes de Shinyenga constituem atividade extrativa de importância no país. Em 1968 a Tanzânia exportou além dos diamantes também o *estanho* e a *magnetita*. Foram descobertos perto de Arusha grandes depósitos de *fosfatos* e *carvão*.

Não há dúvida de que a indústria na Tanzânia se encontra ainda em fase incipiente, embora vá crescendo progressivamente nas cidade e mesmo aldeias onde se multiplicam as oficinas de artesanato local de sapatos, roupas e objetos domésticos. Em Zanzibar já se destacam as cordoarias, que trabalham fibras de coco para a fabricação de cordas, barbantes e sacos. Trabalhando o marfim e conchas, várias fábricas já foram transferidas para a administração do governo. Por outro lado, a grande quantidade de espécimes florestais, de valiosa madeira, como o mogno, cânfora, muninga e outros, abre perspectivas de considerável exploração.

Na sua *Declaração de Arusha*, em 1967, o Presidente Nyerere planejou a instituição de uma *sociedade socialista*, numa comunidade nacional sem classes. O ponto central desta filosofia é o princípio de autonomia e confiança em si próprio, visto que, na sua opinião, a fraqueza da África resulta da aceitação de uma economia colonial



dependente de capital-dinheiro. Daí o *renascimento rural* que ele vem procurando restabelecer.

Quanto às *relações comerciais*, é característico o declínio das transações com a Inglaterra e o rápido progresso das importações chinesas, que em 1971 já alcançavam 22%. De outro lado, fábricas chinesas estão também se multiplicando no País.

#### 4 — Evolução Política

No progressivo desenvolvimento dos países da África nota-se um contraste entre as regiões do continente no Atlântico e no Índico. A parte ocidental foi mais precipitada na sua evolução; a parte oriental mais demorada, pacífica e planejada. Entre Lourenço Marques e o cabo Guardafuí vivem mais de cerca de 45.000.000 de habitantes, dos quais 25.000.000 pertencem a Tanzânia e ao Kênia. Quanto a Uganda que não possui costas marítimas, mas sim as lacustres do Vitória, a população aproximada é de 10.000.000 de pessoas.

Uma *tentativa de união política* dos três Estados da África Oriental foi feita em 1964, mas não chegou a ser concretizada a *integração Kênia-Tanzânia-Uganda*, tendo em vista as divergências em matéria de política econômica, a despeito das condições geográficas favoráveis a uma ação conjunta. O principal impasse, que tornou impossível qualquer cooperação, foi a existência do governo despótico do General Amin de Uganda, como ainda o contraste que marcou a interpretação da democracia social entre os dois países politicamente mais adiantados da África Oriental — o Kênia e a Tanzânia.

Conhecedores da política africana julgam que a *Tanzânia constitui atualmente o melhor exemplo de estabilidade*. O Professor Jay Hakes da Universidade de Nova Orleans atribui o fato à *ausência de grupos tribais-lingüísticos* maiores, em condições de assumir posições dominantes; por outro lado, a língua suahili é mais generalizada na Tanzânia do que nos outros países africanos, afastando, por isso, o problema tão usual da multiplicidade de línguas tribais. Outra razão apontada para a estabilidade na Tanzânia se liga ao conjunto de *reformas políticas* levadas a efeito pelo Presidente Nyerere, bem como a sua Declaração de Arusha de 1967. O motim de 1964 demonstrou o perigo da concentração de poderes públicos numa capital, onde uma estação de rádio podia imobilizar toda uma administração, levando, pois, o País a uma *descentralização*.

Em conseqüência iniciou-se em 1972 um sistema governamental descentralizado, que dividiu a Tanzânia em 18 regiões. Uma nova *autonomia regional* foi concedida aos governos locais, empossados em cargos de diretores de desenvolvimento. A chave da descentralização, pode-se dizer, é o *partido único do País*, o T.A.N.U. (Tanganik African National Union), firme mantenedor do governo. Cabe a Zanzibar enviar representantes à Assembleia Geral da Tanzânia, apesar de possuir as suas instituições políticas distintas. “A filosofia do socialismo africano de Nyerere estimulou vigorosamente a reforma social e econômica; pois, a despeito dos problemas que a Tanzânia continua a enfrentar, estas reformas concederam-lhe forte orientação. Assim, a Tanzânia pode, facilmente, servir de modelo ao desenvolvimento africano” (J. Hakes — *Political Stability in East Africa* — 1973).

A relativa fraqueza do Kênia em seu setor econômico salienta o contraste de sua ideologia com a socialista da Tanzânia. A ideologia de Nyerere é baseada num socialismo africano tradicional que nada mais é do que uma extensão, um prolongamento da família, ou mais precisamente o *ujamar*, na língua suahili.

Vivendo no campo, a quase totalidade da população tanzaniana devia o seu desenvolvimento forçosamente à agricultura, em primeiro lugar. Resultava daí a necessidade de aumentar a produção por meio de trabalho em cooperação, com melhor utilização de animais, sementes, de processos e métodos. Daí o objetivo do governo em efetuar maiores contactos entre as populações urbanas e os grupos rurais.

O problema inicial de Nyerere consistiu em converter ao socialismo a população rural. O fato de nacionalizar bancos, companhias de seguros e certas indústrias estava longe de ser suficiente. O objetivo, era, pois, de mobilizar os elementos rurais para constituir então o tipo de aldeia *ujamar*, na qual a terra é propriedade comum, a população é comunidade no trabalho, no auxílio mútuo, na partilha dos frutos dessa cultura em cooperação. Para isto foi necessário convencer os grupos que viviam isolados das vantagens de uma vida coletiva, em grupos voluntariamente escolhidos e formados em *ujamás*, ou famílias. De fato, a família africana pré-colonial se constituía de grupos deste tipo que, no entanto, nada tinha com o socialismo europeu. Esta unidade tradicional foi desorganizada pela adoção de instituições européias: principalmente através da economia monetária, capitalista,

pela concorrência, pelas atitudes individuais nas reivindicações e pretensões. A aldeia ujamá era, pois, uma restauração da vida econômica tradicional.

Diz a este propósito o professor Robert Simko, da Universidade da Pensilvânia: "É importante notar que a aldeia ujamá não é uma comuna chinesa, nem o kibutz de Israel, nem o savkloz russo; as idéias são de Nyerere e a instituição é particularmente tanzaniana. A despeito de algumas dificuldades iniciais e mesmo alguns insucessos, o Governo julgou que no princípio de 1973 mais ou menos um milhão de pessoas estariam vivendo e trabalhando em mais de 2.000 aldeias do tipo ujamá. Ao que tudo indica, sempre em número crescente, os tanzanianos passarão a fazer parte destas aldeias". (R. Simko — *Focus — Tanzânia-An Experiment in Cooperative Effort*)

O Professor Hakes nota, entretanto, no seu artigo de 1975, que se o movimento foi voluntário de 1963 até 1973, a Conferência Biental do T.A.N.U. decidiu, em 1973, que dali por diante todos os camponeses teriam que entrar como membros das aldeias ujamás até 1976. Esta coletividade obrigatória determinará forçosamente alguma oposição, particularmente na área de Bokoba, no sopé do Kilimandjaro, onde alguns proprietários possuem extensas terras. Caberá, então, à política dos ujamás interessados resolver tais problemas surgidos da ideologia tanzaniana.

Resumindo a experiência de "esforço cooperativo" de Nyerere na Tanzânia, o Professor Robert Simko afir-

ma que a mais importante das decisões foi a Declaração de Arusha, na qual foi apresentado o plano visando à unidade e o desenvolvimento futuros da nova nação africana. A Tanzânia se comprometeu com *um socialismo de tradição africana*, de vida "comunal", baseada no desenvolvimento rural. Disto decorre uma confiança pessoal, que independe da ajuda estrangeira. Ao mesmo tempo este esforço procura reduzir a crescente distância entre as populações urbanas e rurais. Chegou Nyerere a reduzir o seu próprio salário para servir de exemplo aos funcionários públicos, e fixou os vencimentos de modo a não haver empregados do governo com mais de um salário, mais de uma casa, mais de uma área rural, para não se tornar um explorador capitalista. Aos principais elementos líderes do País foi concedido um ano para se desfazerem do excedente econômico ou então de suas posições de responsabilidade. Muitos abandonaram, assim, os serviços públicos.

"A experiência tanzaniana, diz Robert Simko, é única na África, embora seus objetivos sejam simples — o Presidente Nyerere objetivou construir uma sociedade na qual todos os membros tenham iguais direitos e iguais oportunidades, na qual todos possam viver em paz com seus vizinhos sem sofrer nem se curvar à injustiça, sem ser explorado ou explorar, e na qual todos têm uma base de nível crescente de bem-estar material, antes de um indivíduo ou um grupo alcançar o luxo".

(julho de 1975)

# Singapura: A Ilha-Estado

THEREZINHA DE CASTRO  
Geógrafa do IBGE

## 1 — Evolução Política

O termo *Singapura*, de origem sânscrita, deriva de *Sinhapura*, significando "povoado de leões".

No século XI a ilha de Singapura era ocupada pelos *samatranos*, e logo em seguida pelos *siameses* e *javaneses*. Praticamente despovoada, no século XVIII tornou-se parte do Estado de *Johore*. \* A despeito da pequena distância entre essa ilha e Málaca, os peninsulares nunca deram muita atenção ao local por ser pantanoso; nem mesmo os holandeses, quando passaram a dominar o comércio entre o Pacífico e o Índico, mantendo o monopólio na península de Málaca, notaram a importante posição da ilha.

Tal fato, porém, não aconteceu com *Sir Stamford Raffles* que, atraído pelo posicionamento de Singapura, compraria o sítio por 30.000 dólares ao soberano de *Johore*, em 1819. Passava então a ilha a pertencer a *Companhia das Índias Orientais Inglesas* que, incorporando-a ao *Estabelecimento dos Estreitos*, atribuía-lhe o estatuto de *porto franco*.

Em 1824 os holandeses reconheciam a soberania inglesa na ilha, que foi então transformada num *Protetorado*. Desenvolvia-se como um dos maiores portos da Ásia, passando, sobretudo, por sua fase áurea quando da abertura do canal de Suez (1869).

Além da *importância comercial*, no ponto de confluência das grandes rotas do tráfico mundial Pacífico-Índico, seu *valor estratégico* levaria a Inglaterra a instalar em Sembawang uma *base naval*. Ocupada durante três anos (1942-45) pelo Japão, por ocasião da Segunda Guerra Mundial, transformouse, em 1946, juntamente com as ilhas

Christmas e Cocos, em *Colônia da Coroa*. Três anos depois, separando-se dessas ilhas, Singapura erigia-se em *Estado Autônomo dentro da Comunidade Britânica*.

Singapura, que ao ser comprada por *Sir Stamford Raffles* tinha apenas 200 pessoas residentes, conta, segundo o censo de 1970 com 2.074.507 habitantes assim distribuídos:

Chineses	1.579.866
Malaio	311.379
Indus	145.169
Outros	38.093

Fonte: *The Statesman's Year Book* — 1973/74

A República de Singapura é metade oriente e metade ocidente; o chinês, o malaio, o tamil e o inglês são suas línguas oficiais. Além dos chineses que correspondem a 3/4 partes da população, que vive em geral em barcaças de junco, vivem na ilha os malaio, dedicados a pesca e comércio em pequenas tendas flutuantes; por sua vez, os indus se dedicam, em geral, à indústria da seda, enquanto os árabes monopolizam o pequeno mercado. Há em Singapura muitos portugueses procedentes de Málaca, alemães exilados após a guerra e ingleses. Já se constituiu em zona de anarquia, quando na década de 1930 começou a receber muitos *gangsters* perseguidos nos Estados Unidos, especialmente depois da lei Seca, e componentes da Máfia, saídos da Sicília.

A 9 de agosto de 1965, por acordo assinado dois dias antes com a Federação Malaia, Singapura tornava-se *nação soberana sob forma de república*.

Ponto estratégico que liga o oriente ao ocidente, o desenvolvimento de Singapura tornou-se acelerado, sobretudo a partir de 1965, quando seu governo concedeu liberdade para a entrada livre de capitais estrangeiros e instalação de multinacionais. Atraindo várias empresas industriais, sua renda *per capita* passou a ser a segunda da Ásia, inferior apenas a do Japão. Seu porto apresenta movimento inferior apenas ao de Nova York e Roterdan. Tal desenvolvimento econômico vem, por sua vez, promover a eliminação progressiva da predominância chinesa, e transformando a pequena ilha num núcleo cosmopolita.

\* Vide *Atlas de Relações Internacionais* n.º 31 — "Federação Malaia e Singapura".

## 2 — Aspectos Geográficos Gerais

Situada no extremo sul da península de Málaca, a ilha de Singapura está separada do continente asiático pelo estreito de Johore, com 1.600 metros de largura. Além de Singapura, fazem parte da república outras ilhas e ilhotas adjacentes, dentre as quais *Ubin* e *Tesong Bear* são as maiores.

A área da república é de 581,5 km<sup>2</sup>, pouco menos da metade do nosso município da Guanabara (1.356 km<sup>2</sup>); de leste para oeste a ilha de Singapura tem 41,8 km de largura máxima por 22,5 km de norte para sul.

Seu terreno é em geral plano, arenoso e pantanoso ao longo da costa, possuindo uma área florestal úmida no centro; sua temperatura média anual oscila entre os 23° e 31° centígrados, com pluviosidade média de 2.375 mm por ano.

Sua zona agrícola, localizada ao norte da ilha, dedica-se a plantação de abacaxi, tabaco e seringueira. No sudoeste da ilha situa-se o complexo industrial de Jurong, englobando 337 fábricas, destacando-se as de borracha, têxtil, plásticos, cimento e farmacêutica.

No sul da ilha localiza-se a área metropolitana servida pelos cursos dos rios Singapura e Kallang, e dominada pela cidade capital do País. Os quarteirões centrais de Singapura compreendem a cidade propriamente dita, agrupando além das atividades comerciais também as financeiras internacionais; no sul estão os quarteirões administrativos e residenciais.

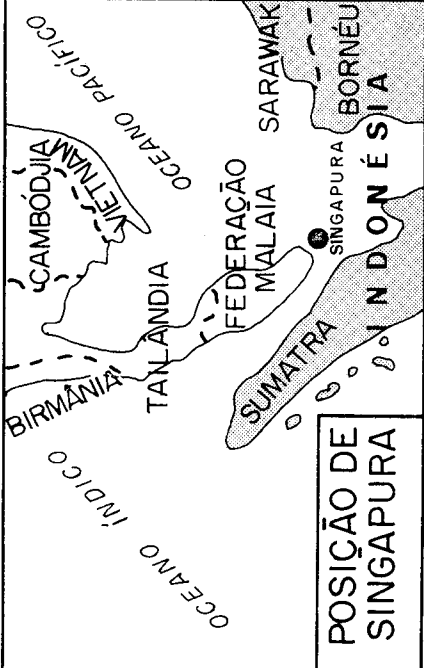
Bem dotada de rodovias (1.945 km), liga-se a Federação Malaia por uma ferrovia (25,8 km) que parte da cidade de Singapura e chega a Woodlands e atinge Johore Baruh.

A República de Singapura deve, sem dúvida alguma, o seu desenvolvimento a sua excelente posição em ponto de contacto entre a Europa, Extremo Oriente, Indonésia e Austrália. Por sua posição geográfica, transformou-se no "Gibraltar do Índico", em verdadeira encruzilhada do mundo para onde convergem a via marítima que une os oceanos Índico e Pacífico, bem como a rota terrestre que enlaça as Ásias Meridional e Oriental com a Insulíndia.

(junho de 1975)

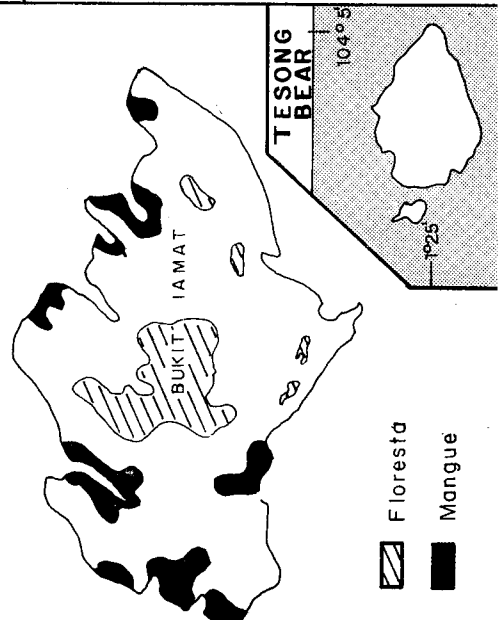
# REPÚBLICA DE SINGAPURA



Mapa organizado por: THEREZINHA DE CASTRO — 1975  
 DivEd/D — pedro marçílio

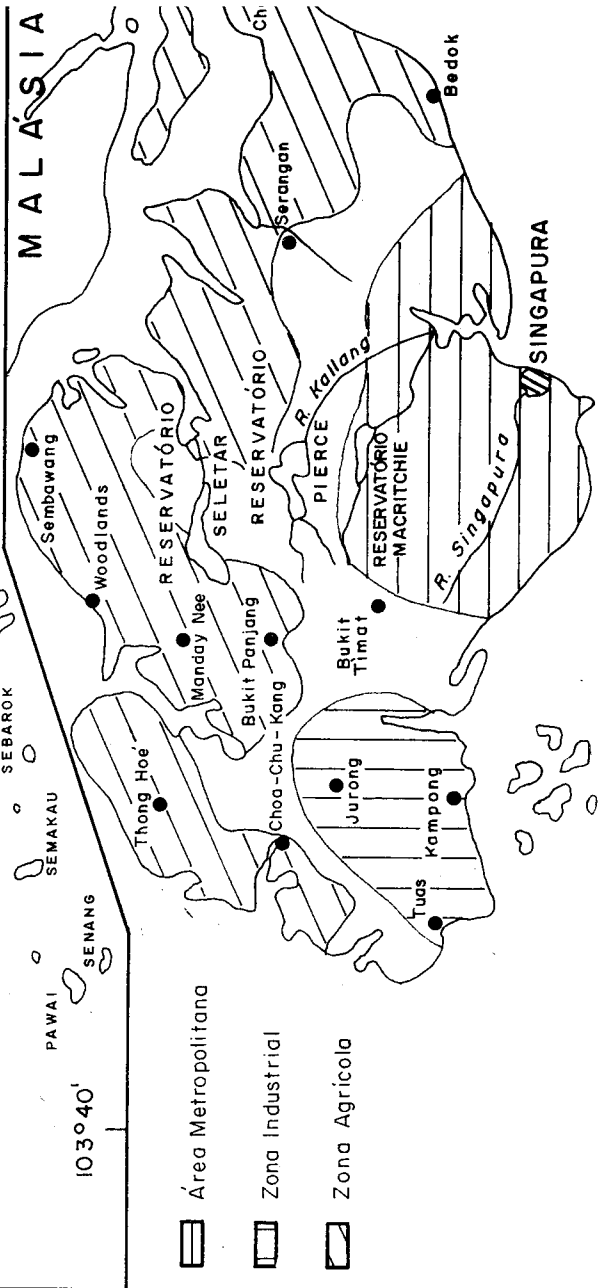
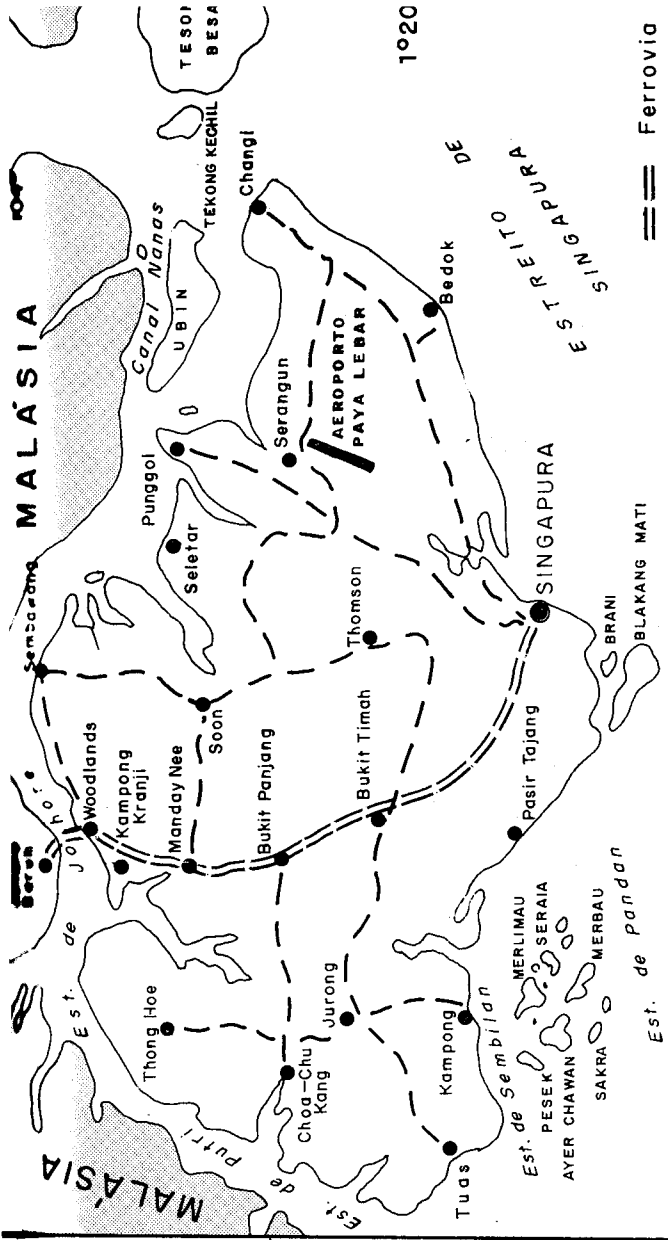





## POSIÇÃO DE SINGAPURA



## VEGETAÇÃO



-  Floresta
-  Mangue



-  Área Metropolitana
-  Zona Industrial
-  Zona Agrícola

-  Ferrovia
-  Rodovia